Ñanduty
ISSN:2317-8590

Saber com(o) ebó epistemológico: angústias sobre tela a partir de uma umbandista

Jaqueline de Oxóssi (Ilê Aiyê de Oxóssi) - adnaacacio.oxossi@gmail.com
Yuri Tomaz dos Santos (PPGAnt/UFGD e CAPES) - yuri.tomaz90@gmail.com
Fabiana Marques do Carmo (PPGAnt e CAPES) - odarafabi@gmail.com

Apresentação

"Universidades em transformação?"? É assim que decidimos abrir essa apresentação, matutando (e maturando) sobre a pergunta que o dossiê "Universidades em transformação? Tensionamentos e possibilidades a partir de múltiplos saberes" nos lança como possibilidade e convite à reflexão sobre os mais diversos modos de trans-formar o que tanto tem sido produzido e reproduzido nos (des)encontros entre academia e sociedade civil, sobretudo nos conhecimentos das chamadas "comunidades tradicionais"[1], tutelados como não oficiais para alguns/mas, ao passo que o único existente e oficial para outros/as. Nesse sentido, a partir de uma discussão já lançada no dossiê "A era do Antropoceno e contextos de emergências e desastres: reflexões com e a partir das populações tradicionais e sociedades indígenas", do volume 11, número 17, desta mesma revista, decidimos esgarçar ainda mais, em uma entrevista na íntegra, as angústias que tanto foram pontuadas pela Sra. Zeladora Jaqueline de Oxóssi, dirigente espiritual do Ilê Aiyê de Oxóssi[2], e dando novas angulações a partir de suas afetações.

No dossiê passado, em uma tessitura conjunta com a mestranda-amiga Luciana de Assiz Garcia[3], discutimos a possibilidade de ressignificação de um possível fim dos recursos

[1] Utilizamos a expressão comunidades tradicionais entre aspas a fim de acenar uma certa fissura crítica quando tratamos de umbandas ou religiões de afro-brasileiras como um todo, partindo do pressuposto de que o termo "tradicionais" remete a uma ideia de estagnação, limitação e um monólito inalterado de acordo com tempo-espaço, como se outros aspectos não fossem introduzidos nas comunidades ancestrais/primordiais e fosse uma comunidade cristalizada na forma como se relacionam tanto na teia de sociabilidades quanto na percepção cosmológica. Não estamos dizendo que as alterações não devam ocorrer. Ao revés, dizemos que a pós-modernidade liquefaz novos modos de estar no mundo, no cruzo entre perspectivas centenárias e atuais, entendendo que as religiões de matriz africana estão em constantes processos metamórficos (o que não altera os fundamentos singulares de cada território sagrado).

[2] Terreiro de Umbanda Sagrada, registrado em 2009, localizado em Viçosa, cidade da Zona da Mata mineira.

[3] Por motivos de força maior, quiçá capitalismo e necessidade de subsistência, a mestranda-amiga Luciana De Assiz Garcia não pôde estar somando ativamente nesta tela devido à dedicação ao aprofundamento em sua dissertação somada ao trabalho no Ministério Público (MP) de Naviraí, cidade ao sul de Mato Grosso do Sul. Não entendemos a sua ausência nessa composição como perda, considerando que ela se faz presente em corpo-alma no que sucede desse desdobramento.

naturais, des-re-pensando[4] e reivindicando o antropoceno a partir da cosmologia e cosmogonia umbandista e a influência da corrida pelo capitalismo, tecnicismo e consumismo como decaptadora dos Orixás e entidades, cuja agência se dá no tudo e todo ao nosso redor, na bricolagem entre humanos, não-humanos e mais-que-humanos. Foi uma ocasião oportuna tanto para denunciarmos, quanto para vociferarmos repercussões que tanto nos suscitam, enquanto futuros (e já na posição de) educadores/as e na condição de umbandistas-pesquisadores/as.

Desde a tomada de conhecimento do presente dossiê, vimos oportunidades também potentes para dar seguimento na fratura – esperançamos, indigesta – tentada no número anterior, mas com uma diferença: a de deixar com que as angústias e preocupações transpareçam sobre as diversas telas pelas quais o/a leitor/a agora se entregam, sem muitas referências para legitimar a produção científica, subvertendo o que geralmente caracteriza o que sê um conhecimento científico-acadêmico e, sobretudo, possibilitar com que o *ebó*[5] epistemológico, que veio a calhar em ambos os dossiês, possa ser empanturrado goela abaixo, naquilo que chamamos de saber-fazer-macumba, escarrando, ao nosso modo, a capacidade de transform-ação também do fazer científico em tempos de ainda conseguirmos subverter e enfeitiçar corpos.

Em constantes diálogos com a também mestranda-amiga Fabiana Marques do Carmo, que é candomblecista e tem como *lócus* de pesquisa a periferia de São Mateus (São Paulo, capital), em constantes danças teórico-metodológicas-antropológicas do samba e memória local, sobre as afetações que as entrevistas causaram a mim e à Luciana entre 2022 e 2023, ruminamos, e continuamos matutando ciclicamente, a possibilidade de (re)escutar e registrar as experiências vividas e daquilo que constitui os conhecimentos diversos da Sra. Zeladora Jaqueline de Oxóssi com mais acuro e aprofundamento, a fim de que ela pudesse se colocar como autora-educadora e agente ativa desse escrito que se faz coletivo, a partir de uma pedagogia local, e saberes logicamente situados (Haraway, 2009).

Convimos com o griot e escritor malinês[6] Hampâté Bâ de que o mais velho tem conhecimento da ciência da vida e que a escrita, em comparação aos ofícios orais, parece transmitir um estatuto fidedigno. Para ele, “os primeiros ou bibliotecas do mundo foram os

[4] Tomamos essa expressão de empréstimo das repetições orais dx pesquisadorx Simone Becker (UFGD/CNPq), em que o ato de pensar se metamorfoseia em ruminações, dando asas ao des-re-pensar.
[5] Ebó[ẹbọ] no idioma yorubá, significa ‘oferenda’.
[6] Gentílico para habitantes ou naturais da República do Mali, localizada na África Ocidental.

cérebros humanos" (Bâ, 2010: 168), o que resulta, em perca de saberes sobre diversos aspectos, quando um/a mais velho/a morre, uma vez que tradição oral é a grande escala da vida" (Ibidem: 169). Não estamos querendo ser pessimista ao trazer tal (re)afirmação, considerando que para comunidades em que a história oral opera não apenas a partir de conhecimento e hierarquias, mas como organizadora social, esta perspectiva diz de um vácuo que nenhum enxerto consegue regenerar. O que queremos dizer, e como ressaltar-se-á a Sra. Zeladora nos excertos, é que a tradição oral tem seu valor simbólico, político e social, e que ainda que haja registros escritos sobre e acerca de, os saberes nativos das comunidades têm outros afetos (e efeitos!) quando os sentidos[7] são acionados entre os coletivos. E mais que isso; academia e saberes locais estão em posições em que a adição ainda se faz reivindicada.

A pandemia da covid-19 fez com que aberturas para novas possibilidades se fizessem presentes. Muitos foram os terreiros de umbandas e candomblés que 'quebraram', por não conseguirem se adaptar às realidades, que precisaram ser reinventadas a cada dia durante o confinamento, sobretudo porque o estar presente junto da família de santo concerne a tônica das relações de parentesco, cuja rede de sociabilidade se dá no âmago do encontro dos corpos, que nesse período foram desencontrados. A tecnologia foi, e é, uma ferramenta que conseguiu, em alguns momentos, manter conexão, em que rever nossos pares à distância era a possibilidade de se deslocar para vários espaços, várias casas, vários territórios sagrados ao mesmo tempo. Contudo, teve/tem seu ônus e seu bônus, considerando que alguns marcadores sociais da diferença, como classe, geração e escolaridade, impossibilitaram/impossibilitam que algumas pessoas tivessem/tenham acesso a essas ferramentas.

Esse destaque não é nada ao acaso, considerando que em muitos terreiros a forma como lidaram com a pandemia, na estratégia de não perder os vínculos parentais estabelecidos nesses territórios sagrados, foram através de *lives*, grupos de estudos, reuniões e lida com as burocracias junto ao coletivo reunido à distância, como foi o caso do Ilê Aiyê de Oxóssi entre 2020 e 2021. A reinvenção foi necessária, sem que os fundamentos se perdessem, uma vez que estes não são alterados. Entretanto, foi também nesse meio tempo que podemos ver como o capitalismo influencia nas relações das comunidades de terreiros, considerando que muitos dos Ilês/ Ilés[8], Barracões, Terreiros, ou qualquer nome que se dê aos solos sagrados

[7] Nos referimos à visão, audição, paladar, tato e olfato, cuja experiência nos auxiliam a cosmosentir e cosmoperceber (Oyèwùmí, 2021) o mundo a partir de uma ontologia cosmológica própria.
[8] Nesta entrevista, trazemos algumas palavras dos idiomas usados nas religiões de matrizes africanas dos povos africanos bantos (kimbundu) e nigerianos (yorubá/ ioruba). Por pressuposto, as expressões êmicas ou

afro-religiosos, são alugados, e a perda avassaladora de empregos nesse período, como se sabe, não foi diminuta e parca, o que tornou insustentável a permanência e funcionamento dos territórios sagrados que, em sua maioria, são mantidos pelos/as adeptos/as.

O que queremos destacar é que falar do Ilê Aiyê de Oxóssi, é dizer não só de um presentismo, mas daquilo que esse espaço também foi enquanto ainda um terreiro de Umbanda Omolokô[9] nos idos de mais de uma década atrás, como veremos em destaque pela Sra. Zeladora Jaqueline de Oxóssi, e pontuar que estamos em constantes processos metamórficos, seja por uma decisão de grupo, seja por necessidades impostas por fenômenos externos, como a pandemia, por exemplo. Quer dizer, as relações são mutáveis e nada é cristalizado nos territórios sagrados afro-religiosos.

Em variados processos de retornos e prosas desencadeadas entre o saber com(o) ebó epistemológico tanto entre umbandistas e candomblecista a partir do *WhatsApp*, decidimos explorar mais com a Sra. Zeladora o motivo do termo 'Sagrada', procedido de 'Umbanda'. Ela destaca que a Umbanda Sagrada praticada no Ilê Aiyê de Oxóssi não tem uma filiação genitiva, como alguns/mas umbandistas rapidamente podem associar, com o teólogo umbandista Rubens Saraceni[10]. "O sagrado para mim vai desde a árvore que está aqui dentro do terreiro. O sagrado para mim está desde a linha do trem, do trem de ferro... a linha férrea, as encruzilhadas... o cemitério que eu passo aqui em frente, saudando Exu, Omolu, Iansã. Então estou falando desse contexto do Sagrado, que não tem nada a ver com Rubens Saraceni. Nós estamos vivendo em um mundo individualista, capitalista e consumista. E aí fica a minha pergunta. Onde nós conseguiremos extrair essa energia dos Orixás?", destacou (e questionou). Salientamos que, independentemente de orientação religiosa, sagrados são todos os territórios de manifestação de fé, que independe de crença.

---

estrangeiras africanas estarão dispostas em notas de rodapé com suas respectivas traduções, a fim de democratizar a interpretação de leitores/as/xs.

[9] Umbanda Omolokô é uma das vertentes das umbandas, sendo que esta tem com fortes influências dos cultos ketu, jeje e bantu (culto à Òrìsà, Vodum e Nkisi). Na Umbanda Omolokô o/a noviço/a é iniciado/a, tanto quanto nos candomblés e a ritualística é próxima ao seguimento religioso candomblecista, com a diferença do uso de imagens em alguns terreiros de Umbanda Omolokô, o que não faz parte dos rudimentos candomblecistas.

[10] A concepção de "Sagrada" procedida da palavra "Umbanda", no Ilê Aiyê de Oxóssi encontra outra explicação, que não a da vertente religiosa. No contexto em tela, para além de considerar as outras manifestações religiosas também sagradas, a expressão demarca uma figuração de como adeptos/as local compreende os mais-que-humanos, humanos e não-humanos, a partir de uma cosmopercepção (OYÈWÙMÍ, 2021) que sacraliza tudo e todos, não sendo necessariamente uma demarcação de antônimo de "profano" e não sendo gesta da filiação genitiva corriqueiramente associada à Umbanda Sagrada constituída pelos guias atuantes com o médium Rubens Saraceni.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Talvez caiba ressaltar que as realidades dos terreiros são totalmente distintas quando se trata de acesso aos recursos naturais e deslocamentos até os chamados 'pontos de força'. Enquanto em Viçosa, cidade de interior, adeptos/as do Ilê Aiyê de Oxóssi têm acesso facilitado às cachoeiras, matas, aos rios, lagos, cemitérios e vários outros dentro da própria cidade ou em cidades vizinhas, em São Paulo são necessários longos e cansativos deslocamentos da maior cidade do país para cidades vizinhas. Cada vez mais a construção urbana avança, a gentrificação aumenta e mais difícil tem sido o cultivo de ervas, ver rios banháveis e áreas verdes preservadas e não privativas/elitizadas.

O recalque ao que tem se tornado as grandes capitais como pontuação crítica e reflexiva aqui, é feita como um destaque que nos convida à des-re-pensar como tem sido a condição ontológica, nas possibilidades de ser, estar e sentir o mundo a partir da cosmopercepção (Oyèwùmí, 2021) com os mais-que-humanos, quiçá *Òrìṣà*[11], guias e seres encantados, de modo geral, entre adeptos/as de religiões de matriz africana, em que os próprios processos de reinvenção são freados pela exigência de um mundo contemporâneo que nos coloca em mudança de pedal, em que somos acelerados/as/es diante das cobranças que esse tal capitalismo e a "ganância do ser humano", como reafirmado pela Sra. Zeladora Jaqueline de Oxóssi, tem nos apresentado como barreira, os quais fazem transbordar suores e novas ressignificações de ser-escravizados/as/es.

Divagações inclusas – ou talvez não tão divagações assim, considerando que aproveitamos o espaço oportuno para denunciarmos o capitalismo como operador primordial das vidas hoje (humanas, mais-que-humanas...), incluindo as não visualizações de possibilidade de transformar o espaço universitário como lugar de ebó epistemológico (e não só)[12] – , destacamos eixos centrais para esse olhar de tutela quanto às angústias que têm pairado sobre a Zeladora de Santo que nos agraciou com suas palavras de encantamentos. É aí que reside a chave a ser virada quando acionamos o saber-fazer-macumba, porque o corpo, as

[11] Orixá [Òrìṣà] no idioma iorubano significa energia da natureza, são divindades cultuada no sudeste do África, no complexo dos países usam o idioma yoruba, como Nigeria, Benin, Togo, salientamos que, este idioma chega em terras brasileiras, junto com os seres humanos africanos que estava na condição de escravizados que foram sequestrados de seus países, no início do século XVI. Enfatizamos que, todas as palavras traduzidas dos idiomas kimbundu e yorubá, usamos os dicionários específicos que serão citados na referência bibliográfica.

[12] Aqui (d)enunciamos como o espaço universitário ainda está aquém de agregar os saberes considerados não-acadêmicos como prática integrativa, uma vez que estamos a dizer de um saber colonizador que implica na desubjetivação daqueles/as que têm outros saberes que não os acadêmicos – estes lidos e calcados na lógica positivista, cartesiana e probatória. Por essas e outras, aqui vimos o espaço universitário ainda distante dessa integração e um não lugar de lançamento de ebó epistemológico, salvo quando alguém que cruza os saberes locais não academicistas com os acadêmicos, como é o caso de quem tece a presente (e)enunciação, bem como outros/as/es compositores/as deste dossiê.

angústias, as afetações, os discursos são semióticos, são feitiços. A capacidade de enfeitiçar outros corpos se dá na magia das sensações e sentidos que percebemos e quando nos deixamos ser afetos/as/es por eles e nos entregamos à macumba como o sentido basilar do fazer política.

Saber como e com o ebó/ *ẹbọ* epistemológico, é sobre se permitir se empanturrar com as múltiplas possibilidades de encantamentos que riscamos não só nos chãos dos terreiros, mas nos corpos que deles comem (e bebem!) alguma coisa, como ocorre agora com o/a/e leitor/a/e que está sendo enfeitiçado com o ebó de palavras, responsabilidade e (re)conhecimento, distribuído sem mercenarismo e gratuitamente, em tempos de ainda podermos não sermos tão cooptados/as/es pelo aqué[13], pelo capital. É o poder de encantamento implicado por Exu e pela noção de cruzo (RUFINO, 2017; 2018). Nesse xiré[14], aquendamos[15], misturando linguagem pajubeira[16], sempre acionada nos territórios sagrados e em comunidades negras, com um 'quê' da estilística acadêmica das pessoas autoras, o que inclusive torna um texto defumado em seis mãos (ou não, considerando que nossos Orixás e egrégoras estiveram conosco desde o pedido de licença para fazer e decupar esse feitiço-entrevista) com marcas de nossas subjetividades pessoais bem plural e em transform-ação, convite inclusive, às des-re-pensações sobre as escritas rebuscadas com e para aqueles/as que não precisam ficar tentando entender a linguagem acadêmica – como se já não bastasse o extrativismo de seus espaços e tempos.

Com arruda e guiné, o/a/e leitor/a/e verá que foram eixos centrais de destaques na fala da agente ativa e principal pedagoga do presente ebó epistemológico aspectos que são de ordem tanto local quanto global, em que dizer de Viçosa, também reverbera em dizer sobre várias angústias pairam na densa nuvem de fumaça paulista, em que observa-se uma também reinvindicação por essa transform-ação do fazer-saber universidades a partir de diálogos cruzados, cujo centro da encruzilhada deva um alguidar que possa transbordar conhecimentos adjacentes, em vez de saberes tão bem situados e localizados a partir de posições estáticas,

[13] Aqué [aqué]: É uma gíria usada pela a comunidade LGBTQI+, inspirada/ apropriada nas religiões de matrizes africanas, ressaltamos que, essa palavra é aprendida na oralidade no candomblé da nação congo-angola que possui o significado, "dinheiro".
[14] Xirê [xiré]: dialeto iorubano que significa roda dos orixás.
[15] Aquendar [aquendar]: É uma gíria usada pela a comunidade LGBTQI+, inspirada/ apropriada nas religiões de matrizes africanas, ressaltamos que, essa palavra é aprendida na oralidade no candomblé da nação congo-angola que possui o significado, "preste atenção", ou, "fazer algo.
[16] Pajubá [pajubá]: Palavra usada como gíria pela a comunidade LGBTQIA+, inspirada/apropriada nas religiões de matrizes africanas, equivalente a "trocar uma ideia" ou colocar "a conversa em dia".

entre academia e comunidades de terreiros. Pedimos a bênção aos/às nossos/as mais velhos/as/es, mais novos/as/es e nos deem *agô*[17]!

Yuri Tomaz e Fabiana Marques: Sra. Zeladora Jaqueline de Oxóssi, gostaríamos de iniciar essa entrevista te fazendo um questionamento inicial. O que é "axé"?

Sra. Zeladora Jaqueline de Oxóssi: Axé para mim é energia vital. Sem energia vital não tem como sobreviver. Nós precisamos de energia vital. Quando eu vou para uma mata, quando estou fazendo comida de santo, quando estou no tambor, tudo isso para mim é axé. O sol que está brilhando aqui é axé, a lua é axé, estrela é axé. Chuva, o sereno, o orvalho da madrugada, os pássaros, as formigas, todos os bichos. Nós somos axé porque tudo tem energia. A palavra "axé" é tudo e um todo para mim. E sem axé a gente não tem energia. O suprassumo da planta, o sangue verde da planta que extraímos ali, fresquinho, verdinho, isso é axé. A prana da folha tem seu axé. Sem o mato, como eu faço o sangue vegetal, já que a gente não usa o ejé, que é o sangue do sacrifício animal? Aqui para nós é o sangue verde extraído do suprassumo das folhas, das flores. Sem os 'pontos de forças', como teria Orixá? Quando o mar secar, acabou Iemanjá. Quando os rios e cachoeiras acabarem, acabou Oxum. Quando faltar a mata, faltou Oxóssi. E isso é preocupante para o mundo que está chegando aí, capitalista, individualista e consumista. Isso me preocupa muito.

Yuri Tomaz e Fabiana Marques: No início de nossa prosa você já havia ressaltado sobre essa importância do que nós chamamos de 'ponto de força'. Mas gostaríamos que você ressaltasse porque na sua concepção esses recursos naturais são importantes para nossa cosmologia?

Sra. Zeladora Jaqueline de Oxóssi: Porque está aí a palavra que eu falei. Axé é energia vital. Esses 'pontos de força' na verdade são reposições de energia vital. Então para mim é de extrema importância a força de cada ponto. Então quando eu falo: o trovão, o raio, a chuva, a mata, a cachoeira, a pedreira, a encruza, o lago, o pântano, tudo é ponto de energia. Nós umbandistas precisamos desses pontos de força exatamente para nos nutrir, reabastecendo

[17] Agô [agô]: palavra de origem africana dos povos bantos do dialeto kimbundu, usado nas religiões de matrizes africana que, significa "pedir licença", ou, permissão.

nossa energia vital. Então sem ponto de força, como eu vou reabastecer minha energia vital? Só dentro do terreiro, no concreto? Não. Eu preciso pisar na terra, pisar na lama. Como eu vou ter isso dentro do terreiro, que é concreto? Então para nós aqui do Ilê é de extrema importância os 'pontos de forças'. E 'pontos de forças' estão na natureza. Eu posso conseguir reestabelecer minha energia vital indo para uma mata. Entra em uma mata – nós como filhos de Oxóssi – para ver como a gente sai. Outro dia eu fui fazer uma trilha na mata – eu e a Gabriela – para reposição de energia na morado de meu pai Oxóssi. Peço licença a Exu da mata, peço licença a todos os moradores espirituais, desde Caboclos/as, seres que a gente da fauna e da flora. Peço licença para entrar nesse habitat. "Peço licença para entrar, Sr. Exu"; "Peço licença, meu pai Oxóssi!"; "Peço licença, Sr. Ossain!"... e fui fazer a minha trilha. Saí de lá renovada, com energia vital. E não necessariamente o axé está dentro do terreiro. Lógico que ajuda. Mas adentrar nesses 'pontos de forças', tomar um banho de mar, tomar um banho de rio... gente, quando acabar isso, acabou o Orixá. Acabou! Como nós vamos cultuar Orixá em concreto? Sem mato, sem folha, sem erva, não tem axé. Hoje eu tenho notado muito que o individualismo não está só aqui dentro do terreiro. Está em todo lugar. É a roupa mais bonita, é a guia mais bonita, sabe? Não é para Orixá. Estou vendo que muitas coisas em redes sociais não são para Orixá. É para *like*, é para visualização. Hoje muita coisa do ocultismo ficou tão banalizado que perdeu o poder. Então tudo do Sagrado que começa a ser banalizado, perde o poder. Aquela cachoeira tem os mistérios, tem o segredo de Oxum. [...] Estou vendo isso em rede social. O pessoal mostrando assentamento [...] e está perdendo a magia. É isso que eu tenho notado e é aquilo que Norberto[18] fala: "Como será a Umbanda daqui em 2050?". Isso me preocupa com o que estou presenciando hoje. Será que eu vou ter essa mata para ir lá e batucar para Oxóssi e cantar para os Caboclos em 2015? Eu não sei! Pelo que tenho visto, não. Porque hoje é o capitalismo, o consumismo, o individualismo. E falo de individualismo dentro do nosso próprio terreiro. Os irmãos de santo não congregam mais – e nem sei se essa palavra que devo usar para a Umbanda – com a limpeza aqui. Isso acabou aqui dentro. Congregar com a comida, sabe? É cada um por si e isso tem me deixado muito preocupada.

[18] Norberto Peixoto é um teosofista-umbandista brasileiro, do Rio Grande do Sul, com diversas obras e vídeos sobre a umbanda praticada por ele, e benquisto pela Sra. Zeladora no que tange à pedagogia, conhecimentos e estudos propostos pelo também dirigente espiritual.

Yuri Tomaz e Fabiana Marques: E como você, enquanto pessoa à frente de um terreiro há mais de 10 anos, enxerga o diálogo entre universidades ou instituições com as chamadas "comunidades tradicionais" para dialogar sobre isso? Você percebe que há um diálogo entre academia e nós praticantes para discutir um possível fim desse Aiyê, dessa terra, dessa morte do Orixá?

Sra. Zeladora Jaqueline de Oxóssi: Eles [acadêmicos/as] não estão interessados. Eles estão interessados no capitalismo, no dinheiro, de como sugar mais e mais da floresta. Eu posso falar daqui, da Universidade [Federal de Viçosa]. Eu vejo – eu vou usar a expressão – aquele papo para inglês ver, sabe? Vamos abordar esse tema? Vamos ver vir se é isso mesmo, gente? Não. Eu vejo só uma coisa que precisa ser feita ali e acabou. Eu não vejo essa pertença das Universidades. É igual o 20 de novembro. Só chama a gente para falar de negro e de preto no dia 20 de novembro. É a mesma coisa para mim, vocês estão entendendo? Não vejo nenhum empenho, principalmente aqui da Universidade. É outro mundo. Das 4 pilastras para lá é um mundo e das 4 pilastras para cá é outro. E a que ponto que nós estamos que cada vez eles estão fechados mais e mais os 'pontos de forças' dentro do campus aqui, como eles fossem donos, como se eles tivessem feito e criado aquilo tudo. Eu não posso ir no 'ponto de força' que eu levei você [se refere à Yuri, dizendo da área preservada dentro do campus da Universidade Federal de Viçosa, chamado Recanto das Cigarras] porque já colocaram barreira lá. Isso é reaproximação de querer realmente saber? E quando a gente é abordado? (*simulando um diálogo*)

– "O que vocês estão fazendo aí?"
– "Nós estamos fazendo culto à Orixá"
– "Mas cuidado para não poluir"
– "Alto lá! Pelo menos em nosso terreiro nós somos agentes contra a poluição, porque eu preciso disso aqui de novo".

Então tudo que a gente leva e que não é para ser deixado na natureza, a gente traz. Muitas vezes a gente pega até coisas que não são nossas. Vidro, latinha, copo plástico, sacola plástica... a gente sai recolhendo tudo. Até mesmo outros irmãos da religião indo para 'pontos de força' sem essa consciência. Então, eu não vejo essa consciência dentro da Universidade.

Eu vejo o chamado "para inglês ver", igual está acontecendo o governo. Então para mim, essa conversa, esse diálogo, está muito distante, principalmente a Universidade aqui. Olha lá quem são os professores e quem são os alunos. A maioria brancos. É o que? O capitalismo, consumismo e aí vai. E aí quando tem esses encontros vocês sabem que a maioria das pessoas que são convocadas são pessoas, na maioria das vezes, pode até ter uma oratória muito boa, mas e o axé dentro? De realmente vivenciar isso? Acredito que não. Acredito que ainda estamos muito longe dessa aproximação. São mundos muito diferentes. Não é recíproca essa energia. Eu vejo acadêmicos/as querendo sugar o conteúdo e pronto. Acabou a entrevista, acabou a palestra e vida que segue. Bem isso! Mas nenhum vai visitar os terreiros, as comunidades, adentrar realmente na palavra "axé" e no que realmente essas comunidades passam, 'né'? Não estou falando só do terreiro. Quando eu falo comunidades, eu estou abrindo o leque para as comunidades umbandistas aqui em Viçosa, candomblecistas, os quilombos. Eu não vejo isso não.

Yuri Tomaz: Eu concordo! Eu acho que são dois mundos diferentes, em que a comunidade ainda está lá e a comunidade civil continua cá. Eu, enquanto pessoa que também venho da UFV percebia que era muito isso do "inglês ver". Projetos extensão era para cumprir carga horária específica. Mas não é uma coisa que eu vou fazer porque tenho interesse. É uma coisa que vou fazer porque tenho alguma obrigação para constar no meu *Lattes*[19], no meu *status* ou não sei lá muito bem para o que é.

Sra. Zeladora Jaqueline de Oxóssi: Mas é por isso que eu acho que a pegada de seu estudo está dando axé, porque você se entrega de corpo e alma, irmão. E tudo que a gente entrega de corpo e alma, é outra coisa, é sim (frisando com voz afirmativa e aumentando o tom). Agora, quando a gente faz só para apresentação, quando faço algo para apresentar sem sentir a essência daquilo, só foi uma apresentação. Só isso! Não tocou, não energizou, não emocionou, não aprofundou. Só isso! Só uma apresentação que o tempo vai apagar. Apaga, porque não teve essência. Tudo que não tem essência, é apagado, porque não tem digital, não

[19] *Lattes*, palavra de origem italiana, advinda de uma homenagem feita ao cientista brasileiro César Mansueto Giulio Lattes (1942-2005), por ter criado uma brilhante carreira no mundo da pesquisa brasileira e internacional. Desta forma, foi criado o Currículo *Lattes*. Mais informações sobre o cientista, conferir https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%A9sar_Lattes.

tem um corpo memorial na tua alma. E aí, o tempo apaga. É como a lembrança dos mais velhos, da minha avó... isso o tempo não vai apagar, porque está gravado no meu *òrì*[20].

Yuri Tomaz: Você falou uma coisa muito interessante. Eu vou até abrir um parêntese nisso, me colocando no texto enquanto uma das pessoas autoras, mas você é a autora do texto porque você é a entrevistada. Mas me colocando como filhe do Ilê Aiyê de Oxóssi, eu comungo dessa sua concepção de que daqui há 5-10 anos, o que a gente espera, né? O que a gente vai ter? E não é uma coisa que a gente está querendo ser pessimista. É uma coisa que já estamos assistindo no mundo atual e pronto. E aí... [interrupção por parte da Sra. Zeladora Jaqueline de Oxóssi]

Sra. Zeladora Jaqueline de Oxóssi: O povo está falando de aquecimento global há quantos anos, meu irmão? (em tom de cansaço)

Yuri Tomaz: Uhum! Estamos discutindo isso há muitos anos e não é querendo ser pessimista. Nós estamos assistindo hoje pessoas de nossas religiões indo deixando garrafas, alguidares... matando a vida marinha com alfazema e peixes engolindo plásticos e abebés. Toda aquela coisa horrorosa que a gente está cansado de ver. E aí você disse uma coisa interessante de que a 5-10 anos o que a gente vai ter. Na sua perspectiva de futuro, se a gente não tiver os recursos, como é que nós poderíamos reinventar... se é que possível reinventar... porque como diria você, isso é fundamento e em fundamento não mexemos. Não teria como a gente fabricar em um laboratório um rio. Mas você teria alguma perspectiva de futuro de como é que seria as práticas das religiões afro-brasileiras do que poderia ser ressignificado para esse futuro?

Sra. Jaqueline de Oxóssi: Eu fui iniciada na Umbanda Omolokô em 1995. E de 95 para cá muita coisa mudou (ênfase na palavra "muita"). Eu tive que me renovar com essas mudanças, porque talvez eu iria me perder. Ou talvez, nem terreiro eu teria aguentado sustentar nesse sentido da mudança, do novo. Esse novo me assusta, não vou negar. É assustador! Mas o que a pandemia me trouxe? A gente tem que estar sempre se reinventando, 'né'? Como será a Umbanda daqui a cinco-dez anos? Ou mesmo a mata que está ali? É essa pergunta que eu

[20] Cabeça, em yorubá.

faço. Mas nesse tempo aí, eu tive que me reinventar, senão eu não teria... muitos terreiros fecharam na pandemia e não conseguiram voltar mais. Não conseguiram por quê? Porque quando você traz essa questão do "tradicional", talvez sejam terreiros que tenham aqueles Pais de Santo antigos, que não conhecem internet e que não sabem lidar com o eletrônico, 'né'? Eu tive o suporte dos/as irmãos/ãs da Casa de investir em um aparelho melhor, de tentar dar uma aula *online* no período da pandemia. Isso foi se reinventar para mim, porque eu tive que me desdobrar para o novo. Eu tenho fé – porque se eu perder essa fé, meu irmão, eu posso fechar a porta – que Orixá vai dar caminho e solução. Eu sei que nós também precisamos fazer nossa parte. Orixá não faz nada sozinho, porque nós também temos que fazer nossa parte. Mas o que eu tenho tentado como Zeladora, é trazer os estudos presenciais, colocar os/as médiuns da Casa no olho com olho e sentir essa pertença. Acordar essas pessoas que estão adormecidas e trazer consciência para esse povo de que nós precisamos da essência uns/umas dos/as outros/as. Voltou a beijar a mão uns/umas dos/as outros/as aqui no terreiro. E quanta coisa às vezes de fundamento nós tivemos que deixar, um pouquinho ali, para se reinventar para aquele momento de perigo? Quantas pessoas morreram? Eu acredito que nessas barreiras e nesses testes, que Orixá dá caminho, dá soluções. Mas o que eu puder fazer aqui no terreiro... é trazer essa energia para os/as irmãos/ãs, essa pertença. A gente parar para tirar o individualismo. A gente parar para tirar essa energia que ainda está difícil de sair, sabe? Mas a primeira saída, é a gente ter consciência. Enquanto nós estivermos inconscientes (elevando o tom de voz em "inconscientes", para frisar o sentido de um destaque de uma dimensão de cômodos/as), no sentido de adormecidos/as, a gente vai ter uma luta muito grande. Mas a gente tem que despertar. Consciência. E muitos hoje já fazem, no dia dois de fevereiro de Iemanjá... eu pude ver pela televisão, ali na cesta de Iemanjá, 'né', que já estão pedindo que não coloquem espelhos, que não coloquem alfazemas. Já está sendo proibido. Olha só, que bom! E é isso mesmo. É acordar o povo de santo, desde o Candomblé, desde a Umbanda e de várias vertentes que fazem cultos a esses 'pontos de forças' – e aos Orixás, logicamente – que têm que abrir a consciência. Porque, senão, adormecidos/as a gente vai perder essa batalha. Volto a dizer, que no dia que o mar secar, o rio secar, morreu ali a forma de uma Orixá. Mas eu tenho fé em meu Pai Oxóssi, Senhor do Conhecimento, que sempre trará o conhecimento para aquela ocasião, naquele momento que a gente está vivendo. Exu mensageiro, é o transportador. A palavra "Exu" ... é muito dinâmico. "Exu!". Eu acredito

muito na força d'Essas divindades, que trarão a solução, porque senão a gente pode perder a nossa fé.

Fabiana Marques: E você acha que o conhecimento de pessoas mais velhas tem seus conhecimentos valorizados pela academia? A universidade tem ouvido as pessoas mais velhas, considerando que é um dossiê que trabalha com essa perspectiva de conhecimento também das chamadas "comunidades tradicionais"? Acha que os conhecimentos de vocês estão sendo valorizados?

Sra. Zeladora Jaqueline de Oxóssi: Não. Cadê aí o projeto *griot*[21], que seria exatamente pegar o mais velho daquela comunidade para passar a história? Cadê? Eu não escuto falar desse projeto griot. Porque ser velho aqui em nosso país, é sinônimo de estorvo, de encosto e de peleja. Infelizmente! Infelizmente é triste falar isso. Mas o sinônimo de velho aqui em nosso país... e aí eu vejo até a minha própria mãe, que já está velha, com problemas de saúde, e dizendo assim para mim: "Eu não quero dar trabalho". Olha só! Porque ser velho aqui é isso. Dar trabalho, começou a peleja e a gente vê isso dentro da nossa casa, com os nossos de sangue. Que triste! Porque o velho, em meu entendimento como Zeladora, é um ser de conhecimento vivo. Quantos casos minha avó me contou? É muita coisa. "Essa erva serve para dor de barriga"; "Essa erva serve para cólica". Olha só quantas coisas a minha avó me passou ali. Então, para mim, a minha avó era a própria Farmácia Viva[22]. Mas, infelizmente, ser velho aqui em nosso país é sinônimo de problema. E volto a questionar: Cadê os griots? Cadê as parteiras? Cadê as benzedeiras? Cadê? Porque até esses seres de conhecimento querem passar e, hoje, a juventude só querem ficar penduradas no celular. Não querem. Eu ouvi o relato da menina do Congado: "Meus filhos não querem ser congadeiros. Estão na bebida, estão na droga, só pendurados em aparelhos eletrônicos". E isso vai se perder, porque os velhos querem passar, sabendo que não vão ficar aqui para semente. Mas eles podem plantar a semente do conhecimento (ênfase na palavra "conhecimento", frisando com

[21] Narradores de história (oral).
[22] O Projeto Farmácia Viva é um programa criado pelo professor Francisco Abreu, em 1983, a partir da possibilidade de assistências medicinais e fitoterápicas distribuídas pelo Sistema Único de Saúde. A implantação da Farmácia Viva em Viçosa está em discussão na Câmara Municipal da cidade desde 2019, com a tentativa de implementar o Projeto de Lei a partir de diálogo entre poder público, comunidades ancestrais e a universidade.

elevação do tom de voz, nuançando afirmação) e que isso se perpetue para o novo, 'né'? Mas, hoje, eu vejo que os jovens – e os adultos também –, não querem.

Yuri Tomaz e Fabiana Marques: Já estamos passando para as duas questões finais. O que você acha enquanto uma dirigente espiritual, que está à frente de um terreiro e tem esse conhecimento todo, que nós que nos colocamos como pesquisadores/as, podemos fazer para aproximar esse conhecimento acadêmico – que é oficializado como o puro conhecimento – daquilo que nós, da própria academia, chamamos de conhecimento não acadêmico? O conhecimento das parteiras, comunidades indígenas, comunidades de santo são colocados como não acadêmicos, ao passo que temos o conhecimento oficializado como acadêmico porque você tem o título de doutor/a e dos famosos e famosas PhDeuses e PhDeusas... aí você tem conhecimento e reconhecimento. Mas como você acha, em sua trajetória, que nós que nos colocamos enquanto pesquisadores e cientistas, podemos fazer essa aproximação? Achamos que um dos exemplos você acabou de dar aí, 'né', Sra. Zeladora? A volta do Projeto Griot, levar à cabo e estar discutindo a Farmácia Viva, um projeto sobre as parteiras...

Sra. Zeladora Jaqueline de Oxóssi: É isso mesmo! É reaproximação do pesquisador, saber realmente as demandas das comunidades de santo – já que nós estamos falando das comunidades de santo – e ter essa reaproximação realmente. Não apenas de número, mas de essência. Então é ter mais ações. Volto a dizer de projetos. Cadê os projetos? Acabou! Não tem força. É revitalizar os projetos, ter a reaproximação do pesquisador com as comunidades e estar sempre abordando os assuntos pendentes e não deixar morrer. Porque é só no dia 20 de novembro, não é só no dia 21 de abril dias dos indígenas, não é apenas no 15 de novembro como Dia da Umbanda. Não! É sempre que possível estar ali no movimento, na essência, revitalizando nos projetos para que a gente consiga realmente romper as barreiras. Porque senão vai ficar sempre assim: o pesquisador como pesquisador e o povo de santo como povo de santo (balançado a cabeça em posições opostas para demarcar distanciamento e desaproximações entre os dois grupos). Água e óleo não se misturam. Sempre vai ser assim. Para quantos alunos acadêmicos que eu dei entrevista e nunca mais voltaram no terreiro? Somente na parte acadêmica do interesse deles e nunca mais voltaram. A própria Eloah

Monteiro que escreveu o livro[23], você vê que as pessoas de santo não foram no dia do lançamento na Universidade. Para você ver como são mundos diferentes. Pessoas, inclusive, que têm medo de usar sua guia e falar que é dirigente, uma Mãe de Santo, um Pai de Santo, uma filha de santo... e o único terreiro que foi, foi o Ilê Aiyê de Oxóssi.

Yuri Tomaz: Eu até pensei em resgatar esse livro da Eloah para referenciar nessa entrevista. E é isso, 'né'? Nós costumamos falar, na linguagem acadêmica, em extrativismo. As pessoas vão, extrativizam o conhecimento daquilo que lhes é de interesse, publica e nunca mais volta para dar um *feedback*. Você suga e não volta mais para visita, enfim...

Sra. Zeladora Jaqueline de Oxóssi: Seria quase um consulente papa-passe. Mais ou menos isso, sabe? Vai aqui, vai ali e não flui. Então eu acho que tem que ter mais ações e ter um engajamento forte do/a pesquisador/a com a comunidade. Seria como se fosse o médico familiar, aquele que sabe de tudo da família e está presente. Seria essa aproximação, do pesquisador estar mais próximo às comunidades de santo e não ir só nos momentos que precisa das dores de barriga. Ir para as reuniões dos terreiros, fazer propostas para aquela comunidade. A gente pode tentar agregar projetos que podem atender à comunidade dos bairros como um todo, desde as cestas básicas, campanhas do agasalho, campanha do alimento, campanha da erva, das benzedeiras... as parteiras virem aqui para falarem. "Vamos abrir um projeto com as parteiras e abrir o terreiro para elas falarem?" Quanto a gente quer, nós fazemos acontecer. Quando não queremos, não tem jeito. Cadê as parteiras? Nunca mais eu ouvi falar das parteiras. Farmácia Viva, cadê? São coisas que não dão dinheiro e ibope. É o capitalismo, 'né', irmão? Estamos falando dele. Não dá like, não dá visualização. Então, ou a gente acorda para vida, ou a gente continua inconsciente e tudo vai se perdendo.

Yuri Tomaz e Fabiana Marques: Para finalizarmos, Sra. Zeladora, considerando que já temos 50 minutos de gravação, gostaríamos de saber, em sua concepção, a importância da educação de terreiros tanto para os/as adeptos/as, quanto para a comunidade acadêmica? Como a academia poderia estar mais aberta para além desses projetos mencionados para você?

[23] O livro mencionado pela Sra. Zeladora foi uma monografia de Conclusão de Curso em Comunicação Social/Jornalismo, pela Universidade Federal de Viçosa, publicada em formato de livro, intitulada "Povos de Santo: Umbandista de Viçosa", defendida em 2010.

Sra. Zeladora Jaqueline de Oxóssi: Conhecimento é tudo, 'né'? Conhecimento é ouro. O conhecimento traz para você uma preparação até para bater de frente e desmistificar tanta bobagem que é falada de nossa religião. Quando você está preparado, você tem resposta para tudo. Então, o estudo hoje aqui dentro do Ilê Aiyê de Oxóssi é carro-chefe. É carro-chefe exatamente para nos prepararmos para as adversidades que vocês vêm sempre acontecendo de intolerância, preconceito, racismo. Então, o médium preparado e articulado no conhecimento ninguém derruba ele (nesse momento, ela levantou o tom de voz durante a afirmação da frase). Segundo o nosso Pai de Santo aqui do nosso Ilê, Sr. Exu Caveira (risos), o estudo é primordial. Logicamente, que não é só o estudo, como diz o próprio Norberto. Mas o estudo é a base para você exercer a espiritualidade. Como seriam vocês hoje, estudando na antropologia para que daqui um tempo, após os seus doutorados, vocês exercerem as suas profissões. Então para mim, tem a mesma dimensão. Um bom profissional, precisa de estudos; um bom médium, precisa de estudos. Nada vem de graça. Tudo é preciso conseguir movimentar para conseguir chegar. Agora, sentar, e esperar, em pleno século XXI, em 2023, ser a Zeladora... ser a Jaqueline, porque aí eu nem me coloco como Zeladora... que foi iniciada em 1995, sem eira e nem beira, crua e estar falando as mesmas coisas de 1995, hoje não cabe para 2023. E é através dos estudos que eu venho abrindo a minha mente. Expansão da consciência! Expansão da consciência através dos estudos, até para o guia espiritual poder utilizar do seu conhecimento para fazer um bom trabalho.

Yuri Tomaz: Ótimo! Perfeito! Eu acho que ficou muito bem explicado, muito bem posto. Você gostaria de ressaltar, Sra. Zeladora, algo que não foi perguntando e que você queria destacar, antes de encerrarmos a gravação? Pode ficar à vontade.

Sra. Zeladora Jaqueline de Oxóssi: Então, irmão, é somente aquilo que iniciei. Esse capitalismo, esse mundo do individualismo e de que é tudo é para ontem... criando ansiedades, criando depressões, porque nada vai ser... aliás, tudo é no tempo certo. Hoje, até as frutas – e nós estamos falando de essência, de Orixá – estão fora do tempo. Hoje eu como uma maçã... que antigamente era o tempo da maçã e só dava naquela época. Hoje eu como uma maçã, que eu sei que é fora do tempo, e ela é puro isopor. Até como manipular o tempo do alimento, o ser humano está fazendo. Infelizmente, injetando remédios para o quê? O

consumismo! E não esperar o tempo certo (elevação do tom de voz na palavra "tempo". A natureza sempre deu o tempo certo. A banana o tempo certo, a maçã o tempo certo, a laranja o tempo certo... plantar o milho no tempo certo, extrair o bambu no tempo certo e na lua certa (elevação de tom de voz em "lua certa", demarcando destaque para o que quer chamar atenção). Hoje não se fala mais de lua. A mulher quando está grávida, a lua mexe com ela e isso foi a minha velha griot que passou. A lua influência nas marés, nos cabelos, nas unhas. A lua influencia também em nossos trabalhos, em nossos rituais e não se fala mais nos terreiros a respeito de lua. Foi exterminado, sabe? E a lua está aí. Então, eles estão querendo pessoas competitivas, entrando cada vez mais dentro da Universidade – a gente vê aí – pessoa com 17-18 anos.

Às vezes, pessoas que nem sabem quem são, pessoas perdidas, pessoas cobradas a serem o mais belo, o mais bonito, o melhor, o mais isso e aquilo, e isso traz ansiedade, depressão, bipolaridade e os transtornos que estamos vendo os jovens passarem. Fato! Até pularem de um prédio por não aguentarem mais esse mundo de rótulos, de caixinhas e de competição. Isso aqui tudo é competição. E eu tenho medo disso dentro da espiritualidade, porque estão ramificando isso para dentro dos terreiros. É a roupa mais bonita, é a guia mais brilhante, é o charuto mais caro. Isso não é Orixá, isso é ego. Mas o que as grandes mídias estão injetando dentro dos/as jovens. É isso aí! É o capitalismo, é o consumismo, o mais belo, o mais forte, o mais magro, o mais isso e o mais aquilo. Para o gordo, o preto, o deficiente... para esse povo não tem voz e nem vez. É isso que nós temos visto aí... quatro anos atrás, nesse absurdo desse desgoverno e a gente colocou fé nesse atual e que já está dando tiro no pé, no que diz respeito ao meio ambiente. O que será de nós? E aí eu volto a dizer... o Orixá... eu não posso perder a fé, irmão. Se eu perder a fé, eu posso fechar o terreiro. Eu creio que Orixá vai dar caminho, vai dar solução. Sempre deu desde que mundo é mundo, irmão. Olha quanta coisa já aconteceu nesse chamado Planeta Terra. Então essas forças sempre deram solução. Mas o que a gente ainda peca muito, como ser humano, é com o nosso ego.

Yuri Tomaz e Fabiana Marques: Sra. Jaqueline de Oxóssi, estamos encerrando a nossa gravação e gostaríamos de agradecermos imensamente por sua disponibilidade e pelo tempo de aulas que a Sra. transmitiu para nós e para que for ler essa entrevista. Nós concordamos com você em vários aspectos e esperamos que a academia possa te ver, assim como todas as

comunidades ancestrais, como uma grandes educadores. Agradecemos pelo ebó de responsabilidade e de palavras.

Tela sobre tela a partir do saber-fazer-macumba

Chegamos ao fim desse ebó epistemológico retomando os vômitos, com tons de angústias, aquendados pela Sra. Zeladora Jaqueline de Oxóssi na esperança de que o lacre tenha ficado inconteste em suas enunciações, quais sejam: a) sua preocupação com os recursos naturais para a cosmologia e cosmogonias das comunidades de terreiros; b) o distanciamento entre academia e as comunidades ancestrais; c) o extrativismo de conhecimento por parte da academia quando lhe é de interesse para cumprimento de tabela; d) os adoecimentos causados no mundo contemporâneo, oriundos do capitalismo, consumismo e cobranças; e) a busca por reconhecimento a partir da retomada de projetos que valorizem as potências dos saberes de pessoas mais velhas; e f) o convite às comunidades de terreiros aos des-re-pensamentos de suas práticas.

A arruda e guiné que mencionamos no início da apresentação servem exatamente para defumar e nos desobsediar de nossas amarras de ignorância, *status* e visões limitadas. Reafirmando a necessidade de "despertar a nossa consciência", como muito bem posto pela Sra. Zeladora, o ato de se permitir saber-fazer-macumba é um convite aos novos modos de saber-fazer-ciência. Se podemos considerar a macumba como um ato político, como nos acenam Simas e Rufino (2019), é essa exatamente levar para nossas práticas cotidianas modos de fazer macumba que possa enfeitiçar corpos, incomodar a academia e tirar do eixo a sociedade civil.

Essa não é apenas uma entrevista despretensiosa de reafirmações políticas e estamos sobre advertência de que nenhum temos bônus com isso. Ao revés, temos ônus, considerando que nossos posicionamentos e corpos estão sempre sobre tutela e nossos registros de denúncias são sempre vistos e lidos como "lacre da militância". E não que não sejam (sarcasmos inclusos), considerando que a tríade que compõe a autoria dessa tela é preta, lésbica e gay, de esquerda, militante de movimentos, pobre e macumbeira. Demarcamos posições específicas de corpos marcados para o cárcere, morte e perigo.

Se somos umbandistas e candomblecistas, logo somos adoradores de demônios, escárnio, escatologia. Mas somos demônios que nos preocupamos com os recursos naturais no

amanhecer de um novo dia possível de existir. Somos demônios e escárnios que colocamos em evidência as implicações do capitalismo, a possibilidade de escolha de medicações fitoterápicas e que questionamos a gentrificação, intolerância, racismo (não só o religioso) e o classismo como resultados da branquitude enquanto construção e *ethos*[24] idiossincráticos que delineia corpos e especifica a ordem do jogo de xadrez, em que pretos/as e brancos/as, academia e comunidades ancestrais, estão em posições díspares. E aqui não estamos sendo nenhum pouco irônicos ou sarcásticos – pelo menos não nesse parágrafo. Estamos sendo realistas, quando olhamos a Universidade Federal de Viçosa (UFV) como um espaço elitizado, branco, extrativista e que a cada dia que passa tem gradeado, como destacou a Sra. Zeladora Jaqueline de Oxóssi, o espaço público.

Universidades em transformação? Talvez para aqueles/as que reduzem a transformação como resultado último do aumento no valor das bolsas e (as capengas) ações afirmativas para negros/as, indígenas, trans e PCD's, sim. Para nós, estamos ainda buscando (re)afirmar nossas identidades e ancestralidade nesses espaços para depois conseguirmos trans-formar alguma coisa. Fazemos ebós epistemológico hoje, para ver resultados e reconhecimento daqui há anos – ou talvez nunca. Talvez, para aqueles/as que acham que os Projetos de Extensão estão desenvolvidos com êxito já tendo levado uma proposta pronta para a comunidade, as universidades também estejam em transformação.

Se a comunidade civil, pelo menos apresentada na figura da Sra. Zeladora Jaqueline de Oxóssi, não tem visto ações de aproximações, pelo menos no Ilê Aiyê de Oxóssi, com relação à universidade e o conhecimento de sua comunidade, há que se contestar em como a sociedade civil tem sido vista como extensão acessível e as ações de colaboração e cooperação entre União/Universidade e sociedade têm se tornado exequíveis. A comunidade civil precisa ter feedback com propostas eficazes. As comunidades de terreiros precisam ser convidadas a debater temas pertinentes e eles estarem ocupando esses lugares, e não de alguém que diga que os representa sem ser eles ou com interesses fajutos (*Lattes*, *status*, currículos e outros dispositivos que têm quase vida própria) ou alianças políticas em benefício próprio.

Estar em transformação é aprender com a educação de terreiros que ebó epistemológico é sobre dar comida de saberes e responsabilidade, bem como escarrar o convite à des-re-pensarmos sobre o papel de pessoas políticas sem que seja necessário gastar

[24] Do grego, significando 'costumes sociais', 'hábitos'.

uma hora, um minuto e trinta e oito segundos em entrevista para denunciar as angústias de uma mais velha com saberes ancestrais e coloca-las sobre tela. Saber-fazer-macumba é sobre uma política que reafirma a posição de corpos-sujeitos que possuem uma pedagogia local e que se relaciona com ela de modo muito peculiar, em que as adversidades e a educação de terreiros se adicionam, dando a liga a um *padê*[25] servido com muito *dendê*[26] e *marafo*[27], embriagando leitores/as, simpatizantes e nossos pares. Que possamos jogar nosso picumã[28] e ter muito pó de pemba[29] para escarrar que as universidades estão longe de estarem em transform-AÇÃO.

Referências

BÂ, Amadou Hampâté. 2010. "A tradição viva". In: KI-ZERBO, Joseph. (ed). *História geral da África I: Metodologia e pré-história da África*. 2ª Ed. Brasília, UNESC, p. 167-212.

HARAWAY, Donna. 2009. "Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial". *Cadernos Pagu*, Campinas, 5: 5-41.

MILAGRES, Agostinho da Silva Milagres: *Dicionário Yorùbá/Português/Yorùbá* – Versão Básica. In: https://www.academia.edu/43089409/Dicion%C3%A1rio_Yor%C3%B9b%C3%A1, (acessado em 7 jun. 2023).

MONTEIRO, Eloah. 2011. Povo de santo: umbandistas de Viçosa. Viçosa: Editora UFV.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. 2021. *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo.

PINTO, Altair. 1971. *Dicionário da Umbanda: anexo-pequeno vocabulário da língua Yoruba*. Rio de Janeiro, ECO.

RUFINO, Luiz. 2017. Exu e a Pedagogia das Encruzilhadas. Tese de doutorado em Educação, Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

RUFINO, Luiz. "Pedagogias da Encruzilhadas". *Revista Periferias*, Rio de Janeiro, (10)1: 71-88. 2018.

WIKIPÉDIA. Vida do cientista César Lattes. In: https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%A9sar_Lattes, (acessado em 7 jun. 2023).

[25] Padê uma palavra usa nas religiões de matrizes africanas que significa comida do orixá Exu, como feita de farinha de mandioca, dendê, mel, água e cachaça/pinga.
[26] Dendê, um óleo extraído da arvore do dendezeiro.
[27] Marafo, uma palavra nas religiões de matrizes africanas que significa aguardente/ cachaça/ pinga.
[28] Cabelo, na linguagem pajubeira.
[29] Pó de pemba é um pó branco feito de calcário, que é um fundamento usado nas regiões de matrizes africanas.



Foto: Yuri Tomaz (2021)

Adna Acácio, conhecida como Jaqueline de Oxóssi, é natural de Viçosa (MG). Foi iniciada em 1995 e assumiu o Ilê Aiyê de Oxóssi em 2009, dada sua oficialização de registro, estando à frente de Juremá, antigo terreiro de Umbanda Omolokô, de onde se desdobra o atual terreiro no qual é dirigente espiritual. A Sra. Jaqueline de Oxóssi é uma mulher negra, classe baixa, lésbica, com ensino médio completo e umbandista. Em sua vida como Zeladora, participou de cursos, palestras, entrevistas e atualmente se dedica aos estudos da Umbanda Sagrada. Foi uma das agentes ativas no movimento da Primeira Marcha da Consciência Negra em Viçosa. Se envolveu em diversos atos sobre racismo e intolerância em sua atuação como vice-presidente do Centro de Referência e Pesquisa da Cultura Afro-Brasileira de Viçosa.